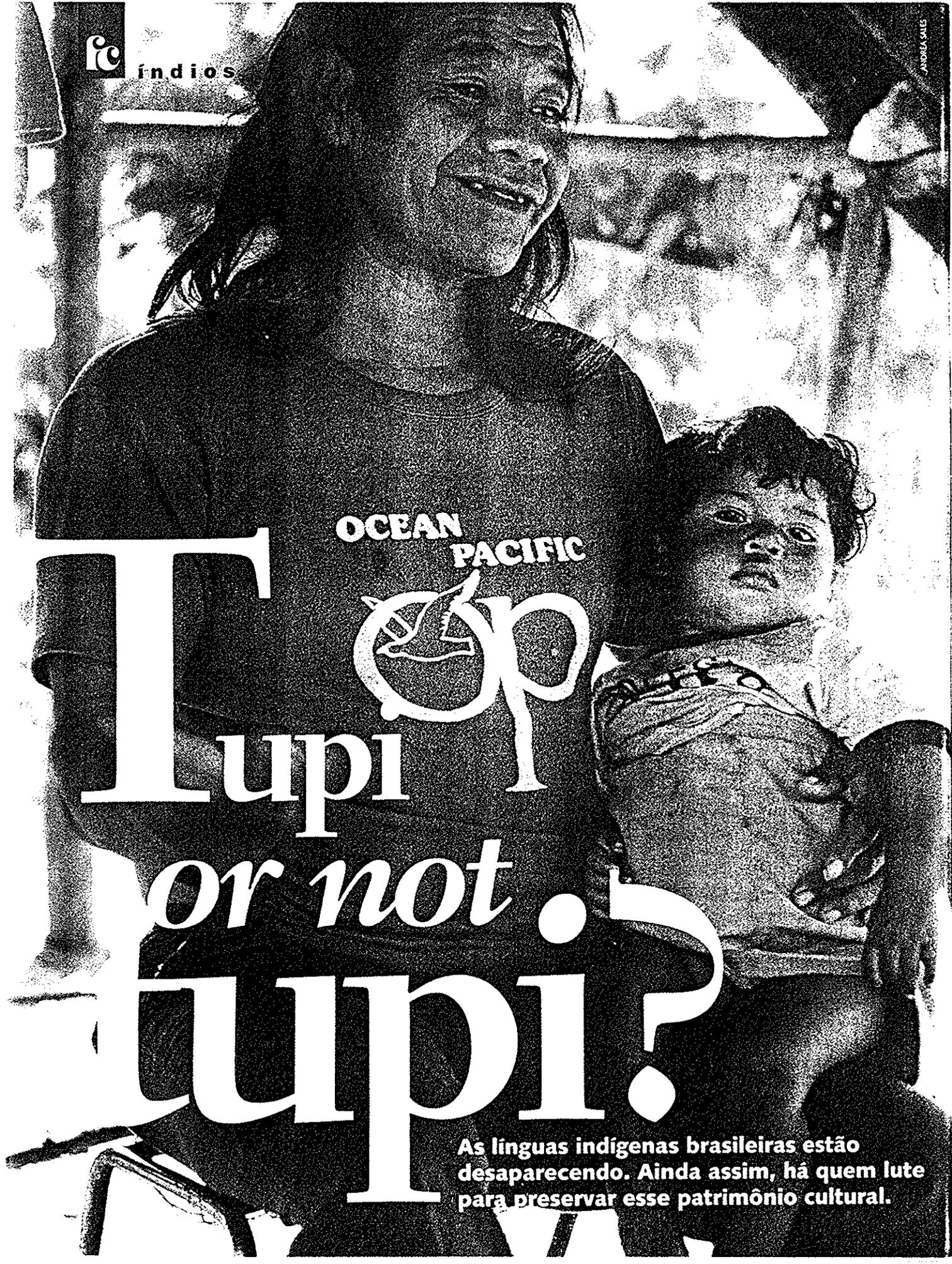


Revista Família Cristã, Ano 67, nº 784, abril de 2001



índios

ANDREA SALES

Tupi or not Tupi?

As línguas indígenas brasileiras estão desaparecendo. Ainda assim, há quem lute para preservar esse patrimônio cultural.



Rev. Família Cristã ano 67 nº 724
Abril 2001 61
64

Federico Mengozzi

ouve um tempo, lembra a canção, em que todo dia era dia de índio. Agora, os donos da terra foram confinados a um simples dia do calendário, uma espécie de Dia da Vergonha Nacional. Na verdade, em vez de ser um dia de festa, 19 de abril é um dia para a expiação das faltas que, em nome da civilização ocidental, foram cometi-

é produto de séculos de elaboração. “A perda de uma língua é uma perda cultural para a humanidade” – diz o antropólogo e pedagogo Luís Donizete Grupioni, do Grupo Mari, de educação indígena. “A língua é um retrato das soluções que determinado povo encontrou para se expressar. É também uma marca da identidade indígena.”

A perda de uma língua indígena brasileira equivale à destruição das estátuas budistas pelo fundamentalismo Taliban, no Afeganistão. Com um detalhe: a mídia não se abala,

Paraná), só falado por três pessoas. O fim de uma língua é perda irreparável porque ela é resultado da experiência humana, maneira única desenvolvida por uma comunidade para se comunicar” – lembra Ruth. Há, porém, casos mais dramáticos, como o máku, língua isolada, falada por apenas uma pessoa – um homem de 70 anos.

– O português é, em última instância, o principal responsável pelo desaparecimento das línguas indígenas brasileiras. Já se louvou o fato de a língua portuguesa ser um dos maiores traços de união nacional. Para os indígenas, porém, o português é o que é o inglês para nós, o elemento estrangeiro colonizador e descaracterizador de uma cultura. O *Big Mac* lingüístico. À medida que os índios aceitam o português como seu principal meio de expressão, os demais ficam prejudicados. É um dilema insolúvel, pois, se com o português abandonam as línguas tradicionais, sem ele ficam ainda mais isolados da realidade. “O português se impõe de forma avassaladora” – observa Ruth Monserrat. Por outro lado, lembra



O sertanista Orlando Vilas Boas: defesa da inclusão da língua tupi no currículo escolar.

das contra os povos indígenas. A questão da língua exemplifica o quadro de desolação.

Na época do Descobrimento, havia pelo menos 1.200 línguas e dialetos indígenas, número que atualmente não passa de 180. Detalhe: 50 são faladas por menos de cem pessoas – 23 delas por menos de 20. Ao perder a língua, o índio perde muito da identidade. Sem contar que a humanidade fica órfã dessa herança cultural, já que um idioma

como se a destruição dos elementos ligados à cultura dos povos da floresta fosse coisa comum. É um mundo em extinção, reconhece Ruth Monserrat, professora de Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, a exemplo de Luís Donizete, assessora do Ministério da Educação em questões indígenas. “A rigor, todas as línguas indígenas estão ameaçadas de extinção. Veja o caso do xetá (*língua do povo que vivia na serra de Dourados, no*

Luís Donizete, “o interesse em aprender a língua dominante, para não se sentir excluído, faz com que se restrinjam os espaços sociais do uso das línguas nativas”.

No livro *Empréstimos lingüísticos*, a professora Nelly Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco, explica a mecânica da absorção das línguas indígenas pelo português. Há o que se denomina de “imposição imediata” da língua dos conquistadores, com “transposição da

Rev. Família Cristã Ano 67 Nº 7824
 Abril 2001 Pg 62
 64

fc índios



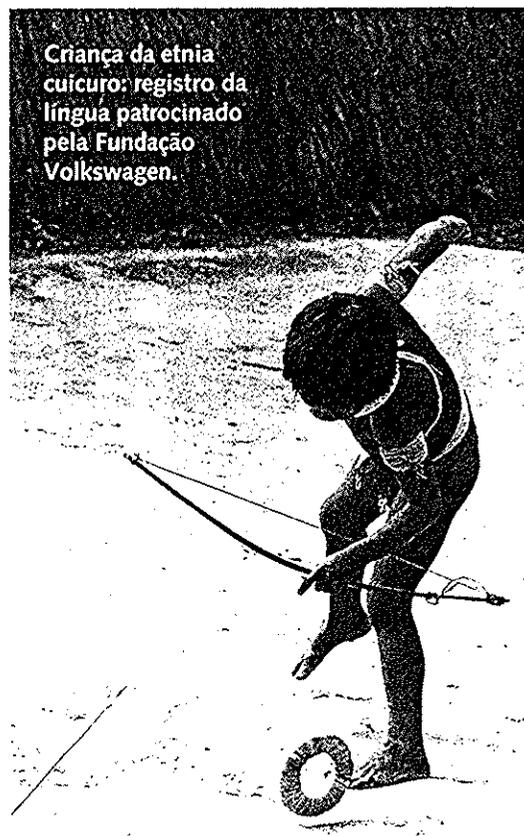
LUCIANO ALVES

A professora de Linguística, Ruth Monserrat: "O português se impõe de forma avassaladora".

cultura e da sociedade e banimento do elemento local, que deixa apenas algumas marcas. Estas formam o substrato e são empréstimos íntimos na língua dos vencedores". Para avaliar as "marcas" que a cultura local deixou na cultura dominante, basta arrolar alguns termos portugueses de origem tupi, língua falada, até o século 17, de São Paulo ao Maranhão: abacaxi, caipira, capim, jacaré, paçoca, sabiá, taquara etc. A questão é grave, mas para Luís Donizete já foi pior. "Hoje, as comunidades estão conscientes e existem várias iniciativas de valorização das línguas indígenas." Nas escolas indígenas, por exemplo, o material é bilíngüe, assim como existem folhetos bilíngües de prevenção da Aids.

- O novo Estatuto do Índio e das Comunidades Indígenas, a ser votado na Câmara dos Deputados, prevê uma estrutura administrativa própria para a educação escolar indígena, incentivando o conhecimento e a sistematização da cultura nativa - atualmente, há mais de 3 mil professores índios. Mas existem outras iniciati-

vas que tentam reverter o quadro, como a instituição da Universidade Indígena, ligada à Universidade Federal de Mato Grosso, em Barra do Bugres (MT), ou projetos de registro de línguas em extinção, a exemplo do patrocinado pela Fundação



Criança da etnia cuicuro: registro da língua patrocinado pela Fundação Volkswagen.

DANIEL GUIMARÃES/NA IMAGEM

A cada 15 dias, segundo cálculos do Projeto Ethnologue, da Universidade de Oklahoma, (Estados Unidos), desaparece uma língua no mundo. Das 6,8 mil línguas ou dialetos conhecidos, sobrarão menos de 10%. Segundo critérios internacionais, está ameaçado todo idioma com menos de 100 mil falantes. Por tal critério, nenhuma língua indígena está livre da extinção. O sertanista Orlando Vilas Boas, que chegou a falar várias línguas e tem uma vida de convivência com os indígenas, lamenta e defende uma velha idéia: "Já se falou em colocar o tupi no currículo escolar normal. Por que não? Se aprendemos o inglês, o francês, o italiano..." Para Vilas Boas, aprender uma língua que já foi falada em boa parte do Brasil - e, no caso de São Paulo, foi mais falada que o português - é, no mínimo, um elemento de formação cultural. Aprende-se que todo dia é dia de índio. ■